

FRANCO, Irley; MARCONDES, Danilo. **A Filosofia – O que é? Para que serve?** Rio de Janeiro, PUC RIO/Zahar, 153 p., 2011.

Vicentônio Regis do Nascimento Silva*

As sucessivas reimpressões de *Textos básicos de filosofia* (Zahar) – conjunto de sumárias explicações aliadas aos fragmentos das reflexões dos principais pensadores desde 2.500 anos atrás – dão conta do sucesso editorial alcançado por Danilo Marcondes, Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e da Universidade Federal Fluminense (UFF) que, em parceria com Irley Franco, Chefe do Departamento de Filosofia da PUC-RJ, lança *A filosofia – O que é? Para que serve?*

Entre as várias definições, o primeiro capítulo convida o leitor a conhecer a perspectiva platônica sobre a Filosofia que, na concepção do discípulo de Sócrates, é uma busca pela contemplação da verdade. De acordo com Platão, o saber se concretiza através do intelecto e da razão, criando-se confrontos entre o racional (simbolizado pelo intelecto, capaz de atingir a realidade verdadeira, encontrada na ciência ou episteme) e a sensibilidade (produto de sensações como crenças e religiões, que fundamentariam as opiniões ou doxas). A opinião seria falsa. Logo, apenas a verdade tem alguma dignidade intelectual. Outras correntes de conceitos surgem: na Modernidade, os racionalistas (Descartes, Spinoza, Leibniz) defendem a superioridade da razão sobre a sensação. Os empiristas – entre os quais incluem-se Locke e Berkeley (fundadores da escola empirista), Bacon (um dos iniciadores da ciência moderna) e Hobbes – argumentam que o conhecimento depende de experiências sensíveis: experiências, evidências e percepção sensorial são fundamentais na formação das idéias.

Conforme algumas investigações éticas de Sócrates, o conhecimento proporciona ação libertadora: aprende-se a reconhecer o que é evitável (como determinados desejos) e a aceitar o inevitável (o destino e a morte). Depois de Sócrates, filósofos começam a discutir

*Doutorando em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). E-mail: vicrenos@yahoo.com.br

sobre o que é mais importante na vida: felicidade ou verdade? A Filosofia previne o espírito contra os males, habitua a inteligência a refletir com rigor e precisão, tornando-a independente. Embora voltada à contemplação, a Filosofia tem sua perspectiva de ação (práxis), especialmente na seara política em que se destacam nomes como Aristóteles, Maquiavel, Hobbes, Montesquieu, Rousseau, Comte, Marx. Segundo Nietzsche – destruidor de ídolos, crítico de filosofias e filósofos, do intelecto, do conhecimento, do sentido e do valor da verdade – todo pensamento/filosofia é sintoma de uma verdade.

Se, no anterior, constata-se a existência de uma pergunta (O que é?) e de inúmeras respostas, o segundo capítulo discorre sobre a utilidade e o valor da Filosofia lançando-se a afirmação de que, no mundo contemporâneo, o filósofo é o último profissional a ser consultado sobre qualquer assunto do cotidiano. O filósofo esforça-se para compreender enquanto as pessoas dedicam-se a viver. Apesar da pecha de meramente contemplativa, a Filosofia possui utilidades, seja criando valores para a vida (podendo ou não ser aplicados diariamente), seja ultrapassando os limites da linguagem, esclarecendo proposições por meio de análises lógicas (Wittgenstein), seja ordenando o pensamento (Deleuze), seja para interrogar os entes, ouvindo o outro e alterando sua relação com o mundo (Heidegger).

Se a Filosofia tem discurso próprio – e, se próprio, diferente dos outros – como ele se exterioriza? Os entraves entre forma e conteúdo constam do capítulo terceiro que resume os principais estilos: 1) Diálogo (conhecido pelos famosos textos de Platão, método de que compartilham Santo Agostinho, Cícero, Galileu, Berkeley, Hume); 2) Tratado; 3) Ensaio; 4) Poema (de que se valem Parmênides, Xenófanes, Empédocles e Nietzsche); 5) Aforismo (finalidade de causar impacto, artifício utilizado por Nietzsche, Schopenhauer, Adorno); 6) Confissão (testemunho dos pensamentos dos filósofos sobre suas próprias experiências); 7) Cartas/epístolas.

Entre os estilos, dois merecem destaque não apenas por integrarem o rol de conceitos essenciais da Filosofia, mas igualmente por transitarem em outras teorias (sociologia, economia, história, Literatura, direito, etc) quase sempre causando confusão entre suas acepções: tratado e ensaio. O primeiro caracteriza-se

(...) por uma exposição formal e sistemática acerca dos princípios de um determinado assunto – filosofia, ciência, arte, arquitetura... Em um tratado, a exposição das idéias, conceitos etc é explicativa, às vezes didática, sendo uma de suas principais características o uso da linguagem lógico-discursiva, isto é, que

faz encadeamentos causais e necessários, que articula e relaciona entre si os argumentos, de modo a demonstrar a correção ou incorreção de certas teses ou noções. A linguagem lógico-discursiva supostamente torna o discurso mais claro e objetivo. É talvez devido a ela que o tratado é o gênero preferido dos filósofos e dos cientistas. Ele toma como ponto de partida determinados conceitos básicos e formula teses, procurando depois desenvolvê-las argumentativamente, constituindo assim um saber sistemático. (p.36-37)

Já o ensaio:

Literalmente um exercício de pensamento, consiste em um texto geralmente curto, com um tratamento bastante livre, em estilo pessoal, em que o autor desenvolve suas reflexões a respeito de um tema. Estas são de caráter crítico, mas sem uma preocupação mais sistemática ou argumentativa, tendo como objetivo motivar o leitor a pensar sobre o assunto e desenvolver suas próprias idéias. (p.37)

O capítulo quatro trata das figuras dos filósofos. Diferentemente da totalidade e da perfeição dos deuses, em sua origem o filósofo detém um saber que é estruturalmente humano. Gradualmente aparece como Crítico (desenvolve exercício permanente de reflexão), Metafísico (apóia a existência de “coisas para além das coisas físicas”, que independem da realidade sensível, imperceptíveis pela sensibilidade. Para entender as realidades extra-sensíveis – eternas e imutáveis – Platão oferece o método dialético), Mago (considerado doutor em ciências ocultas), Cientista (a Filosofia flui de um sistema mais amplo de onde emanam as ciências. Descartes e Kant consideram-se mais cientistas – exaltando o avanço dos métodos científicos – do que filósofos), Político (Sócrates desempenha papel político ao promover debates nas assembleias públicas. Platão entende que o filósofo não tem apenas saber contemplativo, mas missão política em sua cidade. Outros filósofos participam (in)diretamente da política: Bacon, Rousseau, Voltaire, Diderot, Montesquieu, Locke, Kant, Sartre, Russell, Foucault) e Comentarista (responsável pela análise sistemática da tradição).

As interpretações sobre os filósofos e suas filosofias – ponderadas no capítulo seguinte – podem ser contraditórias, porém se complementam. Cinco as maneiras tradicionais de conceber a Filosofia: 1) Filosofia como sabedoria de vida (sabedoria precisa ser cultivada, proporcionando visão prática e reflexiva sobre as decisões na vida concreta); 2) Filosofia como visão de mundo (visão construída a partir de certos pontos de partida, orquestrando complexo conjunto de questões); 3) Filosofia como atitude crítica e

questionadora (discussão sobre crenças e opiniões, busca de alternativas de sentidos e fundamentos sem se limitar a soluções fáceis e óbvias); 4) Filosofia como sistema de pensamento (desenvolvimento de saberes sistematizados em que sobressaem várias respostas e diferentes aspectos ao mesmo tipo de problema); 5) Filosofia como busca pelo auto-conhecimento (reflexão sobre si mesmo: preocupações, limitações, desejos e necessidades avaliados de acordo com o amadurecimento adquirido por meio de atitudes mais reflexivas e equilibradas). O sexto capítulo detém-se na história, ressaltando o pioneirismo de Aristóteles ao encadear historicamente as teorias: a Filosofia integra uma tradição de pensamento, desenvolvendo-se em diálogo permanente com essa tradição. Hegel é o primeiro a discutir filosoficamente o sentido e o papel da História da Filosofia. O trabalho do historiador da filosofia contemporâneo é interpretativo. Utilizando-se de periodizações que, segundo os autores, não resultam de cronologia absolutamente precisa, mas predominantemente aceita, apresentam-se as filosofias Antiga, Medieval, do Renascimento, Moderna e Contemporânea acompanhadas de datas, nomes, títulos de obras e localizações geográficas dos principais expoentes de cada época.

O capítulo sete discute a origem: distingue-se Platão cujo trabalho abrange praticamente todos os assuntos, voltando-se regularmente a ele e, a partir dele, confirmando-se influências e acalorando-se contestações de Aristóteles, Descartes, Kant e Nietzsche. Na obra platônica, o tema mais controverso e debatido: o idealismo. O mesmo capítulo restringe a seis as áreas de interesse da Filosofia contemporânea: metafísica, epistemologia, ética, política, estética, lógica. O último capítulo reúne os principais conceitos filosóficos, apresentando glossário de conceitos-chave e, ao fim, ilustrativo quadro cronológico da evolução tanto da Filosofia quanto de outras teorias de conhecimento.

A filosofia – O que é? Para que serve? destina-se não apenas a alunos iniciantes dos cursos de ciências humanas e ciências sociais aplicadas, mas aos interessados em descobrir didaticamente – sem perder a erudição e o rigor teórico – os meandros da disciplina que, sem dúvida, desde os tempos pré-socráticos, em altos e baixos, dúvidas e acertos, confirmações e contestações, desperta o interesse de qualquer indivíduo que ouse questionar, pensar, refletir.